

A busca da verdade como critério definidor da relação entre filosofia e religião no pensamento de Arthur Schopenhauer

The search for truth as defining criterion of the relation between philosophy and religion in the thought of Arthur Schopenhauer

*Lademir Renato Petrich**

Resumo

O presente artigo trata da relação estabelecida por Schopenhauer entre filosofia e religião tendo por base o critério da busca pela *verdade*. Schopenhauer compreende que a *verdade* atemporal e incondicional deve ser a estrela-guia da filosofia e que as religiões são suas representações alegóricas e mitológicas. A partir deste critério qualitativo, pode-se escalonar as religiões na medida em que se aproximam ou se distanciam do seu pessimismo metafísico.

Palavras-chave: Schopenhauer; Filosofia; Religião; Verdade; Pessimismo; Metafísica da vontade.

Abstract

This article deals with the relation established by Schopenhauer between philosophy and religion, having the search for *truth* as criterion. Schopenhauer understands timeless and unconditional *truth* to be the lodestar of philosophy, while religions are its allegorical and mythological representations. On the basis of this qualitative criterion, it is possible to scale religions as they approach or distance themselves from his metaphysical pessimism.

Keywords: Schopenhauer; Philosophy; Religion; Truth; Pessimism; Metaphysics of will.

Introdução

Com um tom cômico, Schopenhauer, no prefácio à primeira edição de *O Mundo como Vontade e Representação*, recomenda, àqueles que não estão dispostos a ler um livro em que a verdade se apresenta sem o estilo patético e obscuro de seus contemporâneos, tomar sua obra e utilizá-la como o fazem com um livro não lido. Ele poderá “preencher uma lacuna em sua biblioteca, na qual,

* Professor do curso de teologia e coordenador de pós-graduação *lato sensu* da Faculdade Missioneira do Paraná. Graduado em teologia pela Universidade Luterana do Brasil e em ciências econômicas pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Mestre e doutorando em ciência da religião (área de concentração em filosofia da religião) pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Email: <coord.pos@famipar.edu.br>.

juntinho a outros, parecerá muito bonito. Ou ainda colocá-lo na cômoda ou mesa de chá de sua amada” (Schopenhauer, 2005, p. 24).¹

É bem verdade que o melhor seria “fazer uma resenha dele” (Schopenhauer, 2005, p. 24; WWV, p. 14). Schopenhauer não entende que sua obra seja apenas mais uma dentre outras, pois ela expressa o pensamento “cuja descoberta é considerada, pelas pessoas versadas em história, tão impossível quanto o da pedra filosofal” (p. 19; WWV, p. 9).

A ideia da busca pela “verdade” perpassa todo o pensamento schopenhaueriano, de maneira que ele compreende seu sistema metafísico como o ápice desta busca. E é em relação a esta “verdade” que ele situa as filosofias e as religiões, numa clara distinção qualitativa entre elas. Portanto, discorrer sobre as relações entre filosofia e religião no pensamento de Arthur Schopenhauer implica qualificá-las com relação àquilo que, em sua opinião, vem a ser expressão genuína e autêntica da compreensão profunda da existência.

Diante disto, o artigo desenvolverá três tópicos centrais: 1) a filosofia como a busca da verdade; 2) o pessimismo schopenhaueriano – que se torna o critério de análise do pensamento religioso; e 3) a religião como verdade alegórica.

1. A filosofia como a busca da verdade

A busca pela “verdade”, aos olhos de Arthur Schopenhauer, é uma atitude do filosofar. Verdade que em sua compreensão transcende as pontuações e usos que a palavra em si pode assumir na vida ordinária ou na atividade científica. Esta ultrapassa os limites da contingencialidade e subjetividade, pois toca a essência do significado profundo do mundo, toca seu “enigma”. Em sua filosofia, Schopenhauer a torna palavra-chave, tanto do ponto de vista gnosiológico quanto metafísico.

Schopenhauer diz que o encontro da “verdade” é uma exigência existencial do ser humano, uma condição subjetiva necessária que clama pelo significado profundo da vida. Não se trata meramente de questionar a razão de ser do mundo, mas de uma pergunta pela existência a partir da experiência do sofrimento e da morte, em que o não ser não é apenas possível, mas preferível. A característica peculiar ao homem que o torna ciente de estar se aproximando da morte a cada hora, transforma a vida em algo questionável. Neste tocante, é

“principalmente devido à morte que o homem possui filosofias e religiões” (Schopenhauer, 2005, § 8, p. 84; WWV, p. 62).

No entanto, segundo ele, imiscuir a filosofia com fins pessoais e estatais pode corromper a busca. É a estrela-guia da filosofia (*Nordstern*) que determinará o seu resultado. Para aqueles que estão preocupados com fins materiais,² a verdade ficará em segundo plano, visto que a filosofia se torna meio instrumental do Estado ou da Igreja, ou ainda meio de sobrevivência,³ casos em que ela é maltratada e incapaz de aprofundar-se.

Schopenhauer afirma que tem como estrela-guia a “verdade nua”.⁴ Quanto a si mesmo, considera que nunca se deixou corromper por fins que o beneficiariam ou a algum outro órgão, seja ele religioso ou estatal. Ele pergunta: o que sua filosofia tem a ver com

a boa e alimentícia filosofia universitária, que, fatigada com centenas de intenções e milhares de precauções, prossegue o seu caminho cautelosamente, tendo diante dos olhos a todo momento o temor do soberano, a vontade do ministério, os preceitos da religião oficial, os desejos do editor, a conveniência dos estudantes, a boa camaradagem dos colegas, o curso da política do dia, os humores passageiros do público e muito, muito mais? Ou que tem a ver minha investigação silenciosa e séria da verdade com o tumulto da cátedra e os bancos de sala de aula, cuja mola impulsora mais íntima são sempre fins pessoais (Schopenhauer, 2005, p. 37; WWV, p. 23-24)?

No livro primeiro de *O Mundo como Vontade e Representação*, a verdade se apresenta na descoberta de que o mundo fenomênico não passa de mera representação do sujeito cognoscente. É o mundo limite para a ciência empírica, presa ao princípio de individuação (*principium individuationis*) em que a regência é determinada por tempo, espaço e causalidade. No livro segundo, a verdade se apresenta quando o “Véu de Maia” é superado mediante a percepção da coisa-em-si através da subjetividade do sujeito de volição. Chega-se ao conceito metafísico da Vontade, essência una e indivisa que subjaz a toda realidade. No terceiro livro, a verdade equivale à contemplação das ideias na arte. É o mundo da representação destituído do princípio de individuação. No quarto livro, a verdade é apresentada na ética como a negação da coisa-em-si.

Perpassando todos os âmbitos da verdade, referidos todos eles a um “pensamento único” (*ein einziger Gedanke*) (Schopenhauer, 2005, p. 19; WWV, p. 9), está o enfoque pessimista da metafísica da Vontade, com o qual as filosofias e

religiões ora se aproximam, ora se distanciam. Também é este o critério definidor de como estas últimas são alegorias mais próximas ou mais distantes da “verdade”.

2. O pessimismo schopenhaueriano

A carência metafísica prática-consolatória tem suas raízes lançadas no pessimismo schopenhaueriano. O mundo não é o melhor dos mundos possíveis e a sua não existência é preferível à sua existência, visto carregar em si um caráter de culpabilidade.

O pessimismo de Schopenhauer não está baseado em suas incursões dentro da religião indiana, nem se deve à história do cristianismo. Tampouco está baseado na série de relatos sobre os episódios de pecados, sofrimentos e morte. A motivação real de seu pessimismo deve ser buscada na sua metafísica da Vontade. Trata-se de um pessimismo filosófico que não se deduz da consideração de valores e nem está embasado em um sentimento de decadência histórica, mas se fundamenta no aspecto autodiscordante da coisa-em-si que é a Vontade.

A autodiscordância manifesta-se inicialmente no corpo humano, como Vontade, e, posteriormente, devido à sua ubiquidade, em toda a natureza, como Vontade cósmica. A autodiscórdia encontrada no eu é um microcosmo da autodiscórdia apresentada no macrocosmo. De acordo com Birnbacher,

o causador de sofrimento e o auto-sofrimento atribuídos à *vontade* encontram sua origem biográfica nessa conflitividade interna – assim como o pouco louvável atestado de que as qualidades morais atribuídas ao ser humano e a agressividade, inveja e ambição fossem cópias fiéis do seu caráter (Birnbacher, 2004, p. 159-160).

A Vontade é um ímpeto que sempre “deseja” algo sem nunca chegar a uma plena satisfação. A cada satisfação um novo desejo irá nascer, e nenhuma satisfação é suficientemente capaz de acalmar a totalidade dos anseios, de alcançar uma meta final. O ser humano está condenado a oscilar entre a dor e o tédio:

Se todos os desejos, tão logo surgissem, já estivessem resolvidos, o que preencheria a vida humana, com que se gastaria o tempo? Se transferíssemos o homem para um utópico país, onde tudo

crescesse sem ser plantado, as pombas revoassem já assadas, e cada qual rapidamente encontrasse, sem dificuldade, a mulher amada, sucederia que uma parte dos homens morreria de tédio ou se enforcaria, e a outra parte promoveria guerras, massacres e assassinatos, e dessa forma faria trazer mais sofrimentos do que aqueles que a natureza impõe (Schopenhauer, 2004, p. 113).

A dor e sofrimento, além de seu caráter positivo em face do caráter negativo da felicidade, estão em relação direta com o grau de autoconhecimento da Vontade. Quanto mais alto for o grau de objetivação da Vontade, maior será a dor sentida. No ser humano tem-se a dor lançada a níveis extremos. O cérebro age como uma espécie de condensador do sofrimento, na medida em que não se sofre somente no presente, mas também diante de episódios acumulados pela memória e pelas projeções futuras.

Em interessante analogia, Schopenhauer afirma que “a Vontade é a corda; seu cruzamento ou obstáculo, sua vibração; o conhecimento, a caixa de ressonância; e a dor é o som” (Schopenhauer, 2004, p. 120). O ser humano é justamente o ser mais infeliz porque tem uma avantajada caixa de ressonância.

A identidade entre corpo e Vontade leva à conclusão de que o ser humano, em sua origem, é composto por uma raiz má, o que o torna essencialmente carente de redenção, à semelhança do pecado original presente no cristianismo e que é a base da necessidade de salvação. A ubiquidade da Vontade faz com que esse “ímpeto pecaminoso” seja generalizado no gênero humano, o que Schopenhauer denuncia ao dizer que “alguns homens seriam capazes de assassinar um outro só para engraxar suas botas com a gordura dele,” e que “é preciso ler histórias criminais de situações anárquicas para saber o que é propriamente o ser humano no aspecto moral” (Schopenhauer, 2001, p. 104).

A ubiquidade da Vontade também inscreve toda a natureza na discórdia originária na medida em que as “ideias” disputam a matéria entre si para se objetivar nos indivíduos. Na luta entre as ideias, a ideia mais perfeita obtém a vitória sobre as mais baixas, ganhando um caráter inteiramente novo, “precisamente por absorver em si, de cada uma das que foram dominadas, um análogo mais elevadamente potenciado” (Schopenhauer, 2005, § 27, p. 209; WWV, p. 167). Desta forma, do conflito entre os fenômenos mais baixos resultam os mais elevados – dos quais o grau superior seria o ser humano. Nestes casos,

segundo Schopenhauer, vale a lei *serpens nisi serpentem comederit, non fit draco*.⁵

O agente intensificador desta batalha é a necessidade de “assimilação por dominação”, ou seja, a submissão de uma ideia inferior a uma superior não acontece passiva nem voluntariamente. Como uma ideia ou objetivação da Vontade só entra em cena através da dominação das mais baixas, “sofre a resistência destas, as quais, embora submetidas à servidão, sempre se esforçam por ser independentes e exteriorizar completamente a sua essência” (Schopenhauer, 2005, § 27, p. 210; WWV, p. 167). Isso faz com que em todos os lugares da natureza se vejam conflitos, lutas e alternância da vitória, e “aí reconhecemos com distinção a discórdia essencial da Vontade consigo mesma” (2005, § 27, p. 211; WWV, p. 168). Pode-se contemplar na natureza a Vontade-de-vida se banquetecendo consigo mesma.

E a visibilidade mais nítida dessa luta universal se dá justamente no mundo dos animais – o qual tem por alimento o mundo dos vegetais – em que cada animal se torna presa e alimento do outro, isto é, matéria, na qual uma Idéia se expõe, tem de ser abandonada para a exposição de outra, visto que cada animal só alcança sua existência por intermédio da supressão contínua de outro. Assim, a Vontade de vida crava continuamente os dentes na própria carne e em diferentes figuras é seu próprio alimento, até que, por fim, o gênero humano, por dominar todas as demais espécies, vê a natureza como instrumento de uso (Schopenhauer, 2005, § 27, p. 211; WWV, p. 168).

Em conclusão, ao conceber a essência íntima do mundo como a fonte de toda dor e sofrimento, Schopenhauer torna-se um pessimista por excelência. Toda felicidade é parca e negativa, enquanto a dor é constante e positiva, e, quando não é ela que atormenta a nossa vida, tem-se o outro pólo do sofrimento, que é o tédio. A vida, destituída de qualquer finalidade e sentido, pede pelo aniquilamento no pior dos mundos possíveis.

3. A religião como verdade alegórica

É com relação à sua metafísica, e em especial com relação ao pessimismo, que Schopenhauer procede a análise das grandes religiões mundiais. Na medida em que refletem seu sistema filosófico, elas se aproximam da “verdade”. Na medida em que se afastam, mais próximas elas estão do erro e da falsidade.

Para uma análise dessas suas pressuposições, torna-se importante discorrer sobre o texto *Diálogo sobre a religião*, constante nos *Parerga und Paralipomena*. Nele, Schopenhauer define a religião como *Volksmetaphysik*, ou seja, a “metafísica do povo”. Trata-se de uma satisfação da carência metafísica de forma popular e mítica.

O diálogo transcorre com os argumentos de Demopheles e Philaethes. Ambos concordam que o homem é um animal metafísico por excelência, e que a religião é a apresentação da verdade em vestimentas alegóricas e mitológicas. O que está em jogo no debate é saber se os benefícios oriundos da religião superam os seus malefícios.

Demopheles critica o sarcasmo e a ridicularização com os quais Philaethes se refere à religião. Afinal de contas, quando esta é observada a partir dos seus resultados, que são o alívio e a consolação para a vida, ela se justifica enquanto prático-consolatória. A isto Philaethes se contrapõe apresentando o ideal de defesa da “verdade”, pois, segundo ele, o fato de que há pessoas simplórias e limitadas racionalmente não é fundamento suficiente para fazer o filósofo agregar-se a um conjunto de mentiras, pois *Vigeat veritas et pereat mundus*.⁶

A religião não se sustenta perante a filosofia como uma instância autônoma em Schopenhauer. Há uma nítida distinção de estatutos entre ambas. A filosofia é a apresentação da verdade em sua forma mais clara possível. A existência da religião decorre da ausência do espírito filosófico na grande maioria da população. Quanto a esta grande maioria rude e simplória, a única forma de levá-la a entender o significado profundo da existência se faz com a apresentação da verdade através de alegorias, parábolas e simbologias. O alicerce da religião está posto sobre a ignorância. Na hipótese de todos serem esclarecidos, a sua existência não se justificaria.

Cientes de que a filosofia e a religião não possuem estatutos correspondentes, Demopheles e Philaethes debatem sobre o grau de consideração que a ela deve ser conferido. Para Demopheles, certo bom senso precisa estar presente porque deve-se encontrar as necessidades do povo de acordo com a capacidade de compreensão deste. Para as pessoas rudes e simplórias, a única forma de fazer com que entendam a profundidade da existência é através da religião. Assim como os filósofos vêm ao mundo para

libertar as pessoas do estupor da existência e apontar-lhes o sentido da vida, os fundadores de religião têm a mesma função. No entanto, se o filósofo faz isso para os que são “emancipados”, os fundadores de religião o fazem para as grandes massas. Assim como o povo carece de poesia e sabedorias populares, ele também precisa de uma metafísica popular. Toda humanidade precisa de uma “interpretação de vida”, e a religião a fornece como uma alegoria da verdade (Schopenhauer, s/d, p. 7-8).

Segundo Demopheles, enquanto plano de ação e conforto diante do sofrimento e da morte, a alegoria – a religião – realiza, talvez, sua tarefa com tanta eficiência quanto a própria verdade. Logo, não se deve levar em consideração a forma rude, grotesca e aparentemente absurda que a religião assume, porque essa forma é necessária para que o povo comum receba o conhecimento de verdades profundas (Schopenhauer, s/d, p. 8).

Mas, deveria a doutrina religiosa ser o limite da especulação humana? Deveria a filosofia contentar-se em ser a metafísica de “poucos” e ser destinada apenas à confirmação, ao fortalecimento e à explicação da metafísica das massas? Isso provocaria, segundo Philalethes, a estagnação e subdesenvolvimento dos maiores poderes da inteligência humana. É demasiada pretensão pedir à filosofia tolerância e paciência com relação à religião, pois a própria religião é intolerante e cruel em si, sendo fomentadora de inquisições, guerras religiosas e cruzadas, responsável pela cicuta dada a Sócrates e pela morte de Bruno e Vanini na fogueira. Como poderia este sistema cruel, pergunta Philalethes, limitar e impedir o genuíno esforço filosófico, que é a sincera busca pela verdade, a mais nobre vocação do mais nobre dos homens? (Schopenhauer, s/d, p. 8-9).

No decorrer dos tempos a religião desenvolveu uma variada gama de formas para garantir que suas doutrinas fossem aceitas sem apelar ao discernimento, afirma Philalethes. Em especial está o apelo à revelação e o ensino de crianças. Como as crianças são mais predispostas à fé, toma-se todo o cuidado para garantir a permanência desta puerilidade, enraizando doutrinas de fé. Associa-se a isso a forma como tais doutrinas são apresentadas, em caráter de seriedade e solenidade, colocando a dúvida em relação a elas como fonte de perdição. Retira-se a disponibilidade das pessoas de perguntarem pela veracidade daquilo que estão ouvindo. O inculcar de crenças religiosas em

infantes tem um impacto profundo, resultando em uma espécie de paralisia cerebral e provocando um fanatismo imbecil (Schopenhauer, s/d, p. 9-13).

Por outro lado, segundo Demopheles, a função prático-consolatória respaldaria a religião mesmo com seus aspectos problemáticos, porque caso se esperasse reconhecimento da verdade mediante a filosofia pela grande massa, seria tarde demais para conter suas disposições de injustiça, atos cruéis e violentos, em virtude de que tal compreensão ultrapassa os seus poderes mentais. Uma alegoria da verdade é a única coisa que lhes pode ser útil. Trata-se de um substituto útil para uma verdade que a grande massa nunca chegaria a conhecer. Neste sentido, objetivos práticos são superiores e mais prementes que os teóricos (Schopenhauer, s/d, p. 13-15).

Philalethes convida Demopheles – e o leitor – a olhar para a história, onde povos preservaram a justiça e lei sem a manutenção da religião nos moldes atuais. Nem justiça e nem ordem pública carecem da religião como um complemento necessário. Entre os antigos, especialmente os gregos, onde não havia nenhuma “religião” nos moldes modernos, não prevaleceu a anarquia e a desordem. Pelo contrário, continua Philalethes, foram eles que criaram as bases para a Lei e a ordem civil modernas. Isso destrói qualquer fundamento da religião a partir dos seus objetivos práticos. Desta forma, a religião é uma usurpadora da verdade, que usufrui de seu trono a partir de mentiras (Schopenhauer, s/d, p. 15-17).

A religião é, segundo Philalethes, uma arma perigosa colocada nas mãos daqueles que estão autorizados a empregar a falsidade como um veículo de verdade. O dano causado pela falsidade será maior do que qualquer benefício que a verdade possa produzir. A religião deveria se apresentar de acordo com aquilo que ela é: uma verdade alegórica. Porém, caso assim o fizesse, extrairia de si qualquer possível respeito. Por isso, a religião sempre esteve e sempre estará em conflito com o nobre empenho na busca pela verdade pura (Schopenhauer, s/d, p. 18-19).

Philalethes procura demonstrar ao seu debatedor a impossibilidade de uma religião verdadeira nos moldes de uma filosofia verdadeira, no sentido próprio da palavra, não rodeada por floreios e alegorias. A esperança de Philalethes é a de que um dia a humanidade possa chegar à maturidade e à educação que possibilitarão a produção e a recepção da verdadeira filosofia. Ora,

a verdade da filosofia deve ser tão simples e inteligível que possibilite a compreensão e comunicação a todos em sua forma verdadeira, sem admitir misturas com mitos e fábulas (Schopenhauer, s/d, p. 22).

Seria o fim da religião? Para Philalethes sim. No dia em que a verdade simples e inteligível destronasse a religião de seu trono usurpado, teria lugar sua *eutanásia*. Mas, enquanto isso não ocorrer, a religião sempre terá duas faces, uma de verdade e outra de farsa (Schopenhauer, s/d, p. 22-23). Problema maior ainda está no fato de que a religião não se apresenta como alegoria, mas como verdade no sentido próprio da palavra (p. 28). Os resultados da metafísica popular ao longo do tempo foram desastrosos, como perseguições, inquisições, noite de São Bartolomeu, etc. Cedo ou tarde, um “erro” traz conseqüências negativas (p. 29-30).

Os reis e príncipes, segundo Philalethes, utilizam Deus para mandar crianças crescidas para cama. Religiões são como pirilampos, brilham somente quando está escuro. Uma certa quantidade de ignorância generalizada é a condição de todas as religiões, sendo o elemento no qual podem existir por si próprias. Quando a filosofia tiver permissão de dizer sua palavra e as luzes forem lançadas por sobre o mundo, as crenças baseadas em milagres e revelação desaparecerão. A filosofia tomará então o seu lugar. Fé e conhecimento são duas escalas de uma balança: quando uma sobe a outra desce. As doutrinas religiosas que se fundamentam apenas na autoridade, milagres e revelações são convenientes apenas à infância da humanidade (Schopenhauer, s/d, p. 32-34).

É característica do monoteísmo, segundo Philalethes, a intolerância, porque na presença de um deus único, que é um deus ciumento, não pode haver a existência de qualquer outro. Somente as religiões monoteístas fornecem o espetáculo das guerras santas, perseguições religiosas, tribunais inquisitórios, destruição de ídolos e de imagens de deuses, devastação de templos, etc. (Schopenhauer, s/d, p. 47). Neste sentido, a religião não é uma satisfação das necessidades metafísicas, mas um abuso destas necessidades. As desvantagens e atrocidades que a tem acompanhado são claras como a luz do dia (p. 47-48).

O diálogo se conclui com um ditado de Philalethes de que “por trás da cruz está o diabo” e com a constatação de Demopheles de que se deve admitir que a religião tem duas faces, uma amigável e a outra sombria. Enquanto Demopheles

teria se concentrado na face amiga, Philalethes se concentrou na face sombria (Schopenhauer, s/d, p. 49).

4. Comparação entre as religiões a partir do pessimismo schopenhaueriano

As religiões são, portanto, a expressão alegórica e mitológica da verdade. Logo, em termos qualitativos, elas apresentam, do ponto de vista de Schopenhauer, claras distinções entre si. Importante para a análise desta problemática é o texto *O sistema cristão*, presente nos *Parerga und Paralipomena*.⁷

No caso do cristianismo, Schopenhauer considera que os absurdos originam-se especialmente no fato de que as doutrinas heterogêneas do Antigo e do Novo Testamento precisaram ser combinadas. A alegoria do Novo Testamento em relação ao Antigo precisou ser desenvolvida, sendo concebida sistematicamente e depurada de seus defeitos por Santo Agostinho e, posteriormente, confirmada por Lutero (Schopenhauer, s/d, p. 85).

Exemplos oriundos destas combinações entre o Antigo e o Novo Testamento são as doutrinas da predestinação e da graça, formuladas inicialmente por Santo Agostinho. A graça consiste num privilégio recebido no nascimento e encontra suas raízes na ideia do Antigo Testamento de que o ser humano é criação de uma Vontade externa que o trouxe à luz a partir do nada. Uma interpretação mais racional para esta última, na opinião de Schopenhauer, é a doutrina da metempsicose dos brâmanes e budistas. É um absurdo, na opinião de Schopenhauer, a ideia da predestinação e do pecado original, o qual destina a grande maioria da população à condenação eterna. Soma-se a isso o fato de que o criador sabia de tudo quando criou o mundo. Logo, fez uma raça fraca, que sabia que iria cair em pecado, e ainda os condena por isso. Além do mais, Deus exige o perdão e tolerância, mas não os exercita, pois pune baseado na pura vingança. A criação cumpre assim o seu objetivo, que é a condenação eterna, tendo como exceção uns poucos que se salvam pela graça. Nestes termos, Schopenhauer entende que Deus teria criado o mundo em benefício do diabo e que seria melhor se não o tivesse criado (Schopenhauer, s/d, p. 86-87).

Ainda com relação aos erros presentes no cristianismo, Schopenhauer vê a sua pretensão histórica e a distinção entre mundo humano e mundo animal. O homem é o ser todo importante, enquanto os animais são vistos como coisas.

Isso não é encontrado, segundo Schopenhauer, no bramanismo e no budismo, os quais reconhecem a relação íntima do ser humano com toda a natureza animal. A valorização dos animais nestas religiões se contrapõe a seu desprezo no judaísmo e no cristianismo. Schopenhauer pensa ser um absurdo a necessidade de proteção da lei, como a sociedade protetora dos animais, pois onde o bramanismo e o budismo estão presentes a própria religião os protege. Um exemplo é o de que quando um brâmane ou um budista ficam alegres, vão ao mercado, compram pássaros e abrem as gaiolas nos portões das cidades. Olhando para a maldade praticada pelos cristãos aos animais, Schopenhauer diz que bem poderia se dizer que a humanidade é o diabo na terra e os animais são as almas que ele atormenta. O cristianismo deveria olhar para a expressão hinduísta e budista *Tat-twan-asi* (tu és isto) (Schopenhauer, s/d, p. 91-93).

As características fundamentais da religião judaica são o realismo e o otimismo. Estas duas visões de mundo estão intimamente relacionadas e constituem as condições do teísmo. O teísmo vê o mundo material como absolutamente real e considera esta vida como uma agradável benção que nos foi concedida. Por outro lado, os brâmanes e budistas representam o idealismo e pessimismo, sendo a existência do mundo como de natureza onírica e a vida como resultado dos pecados. O judaísmo, para compensar os fatos mais óbvios do mundo, introduz a figura do diabo (Schopenhauer, s/d, p. 93).

Por outro lado, Schopenhauer pensa que há uma vertente pessimista no cristianismo puro, quando destituído de sua ligação com o judaísmo. O sistema ético cristão, purificado do judaico, bem como a visão ascética, a moralidade e o pessimismo, são completamente indianos (Schopenhauer, s/d, p. 93-94).

O cristianismo partilha com o budismo a ideia de que o mundo não pode ser visto a partir dos olhos do otimismo. Neste ponto ele se distingue do judaísmo, onde Deus “viu que tudo era muito bom”.⁸ No esquema cristão, o diabo é o regente e governante deste mundo. O espírito do cristianismo, a partir do Novo Testamento, é de resignação, com o direcionamento de todas as esperanças a um mundo melhor. Neste sistema moral cristão, o caminho para esta resignação é o sacrifício, e a lei da vingança é substituída pela lei de amar o inimigo, assim como a promessa de imensurável prosperidade é substituída pela vida eterna (Schopenhauer, s/d, p. 94-95).

As doutrinas do Velho Testamento são retificadas pelo Novo e têm seu significado alterado. Nos assuntos mais importantes e essenciais há uma concordância com as religiões da Índia. Tudo o que é verdadeiro no cristianismo também pode ser encontrado no bramismo e no budismo. Pelo contrário, em vão se procuraria um paralelo com as doutrinas judaicas de uma vida originária do nada ou de um mundo feito no tempo. Não há paralelos entre judaísmo, bramismo e budismo no que se refere à eterna gratidão e louvores que se deve dar a Deus por uma existência efêmera, cheia de miséria, angústia e necessidades (Schopenhauer, s/d, p. 95).

Schopenhauer deplora a revelação, pois ele entende que qualquer indivíduo que pense seriamente que seres suprahumanos concederam informações aos humanos sobre objetivos de sua existência e a existência do mundo ainda está em sua infância. A única revelação é a dos pensamentos dos sábios e, ainda estes, estão sujeitos aos erros, pois são humanos. Tudo está restrito e contido no pensamento humano (Schopenhauer, s/d, p. 95-96).

Conclusão

A relação entre filosofia e religião no pensamento de Schopenhauer se estabelece sob a sombra da palavra “verdade”. Para Schopenhauer, ela é o ápice de qualquer pensamento racional que se dedica verdadeiramente à busca dos segredos da existência – existência esta marcada pela dor e sofrimento, frutos da autodiscordância da Vontade.

Schopenhauer pensa que em nenhum momento as religiões deveriam atribuir a si a característica de “verdadeiras” no sentido genuíno da palavra. Deveriam elas se apresentar como aquilo que de fato elas são: representações alegóricas e mitológicas da verdade. Caberia a elas também contentar-se com seus benefícios prático-consolatórios. No entanto, tal atitude retiraria da religião a sua força de atuação, ocasionando sua eutanásia.

Na medida em que as religiões são formas alegóricas da verdade, Schopenhauer as qualifica com base em sua metafísica. Como a Vontade, essência una e indivisa que é a coisa-em-si de toda existência, encontra em si mesma, a partir do autoconhecimento, a característica essencial de ser

autodiscordante, sendo constante em cravar os dentes na própria carne, as melhores alegorias da verdade são aquelas que se aproximam do pessimismo.

Logo, os critérios para a gradação e comparação entre as religiões, na filosofia de Schopenhauer, surgem a partir do otimismo – numa escala mais baixa – para o pessimismo – numa escala mais alta. O judaísmo vem a ser, deste modo, a pior alegoria. O cristianismo, por sua vez, naquilo que difere do judaísmo, encontra-se em relação a este como muito superior. Por fim, hinduísmo e budismo, aos olhos de Schopenhauer, estariam no maior grau de pureza possível a uma representação alegórica e mitológica.

Nota-se, portanto, na concepção de Schopenhauer, que a religião é algo essencial e fundamental à humanidade somente na medida de sua ignorância. A maturidade intelectual dos seres humanos implicaria a predileção pela filosofia, que é a busca da verdade em sua forma mais genuína. Torna-se evidente, também, que Schopenhauer equivale a “verdade” da filosofia ao seu pessimismo, tornando-se critério qualitativo definidor, não apenas das religiões, mas também dos pensamentos oriundos da razão filosófica.

Referências bibliográficas

BIRNBACHER, Dieter. Arthur Schopenhauer: vontade e negação do mundo. In: FLEISCHER, Margot; HENNIGFELD, Jochem (org.). *Filósofos do século XIX*. Tradução Dankwart Bernsmüller. São Leopoldo: Unisinos, 2004.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Da morte; Metafísica do amor; Do sofrimento do mundo*. São paulo: Martin Claret, 2004.

_____. *Die Welt als Wille und Vorstellung*. Paderborn: Voltmedia GmbH, 2005. (Hauptwerke der großen Denker)

_____. *O mundo como vontade e como representação*. Tradução Jair Barboza. São Paulo: Unesp, 2005.

_____. *Religion*. Traduzido para o inglês por T. Bailey Saunders. s/d. Disponível em <<http://www.schopenhauer-web.org/textos/Religion.pdf>>. Acesso em 01 de jun. 2011.

_____. *Sobre o fundamento da moral*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

¹ No corpo do trabalho esta obra será acompanhada do respectivo parágrafo e página. Também, ao lado desta, será apresentada a página correspondente de uma edição em alemão: *Die Welt als Wille und Vorstellung*. Esta última será abreviada como WWV.

² Com “fins materiais” Schopenhauer compreende os interesses pessoais, burocráticos, eclesiásticos e estatais. (Schopenhauer, 2005, p. 28; WWV, p. 16).

³ É a ideia de que “canto a canção de quem me dá o pão de cada dia” (Schopenhauer, 2005, p. 29; WWV, p. 17).

⁴ “welche zu ihrem Nordstern ganz allein die Wahrheit, die nackte” (Schopenhauer, 2005, p. 37; WWV, p. 23).

⁵ “A serpente precisa devorar outra serpente para se tornar dragão” (Schopenhauer, 2005, § 27, p. 209; WWV, p. 167).

⁶ “Que a verdade floresça, mesmo que o mundo pereça” (Schopenhauer, s/d, p. 7).

⁷ O texto se encontra presente também no *Religion*, versão em inglês aqui utilizada.

⁸ Referência de Schopenhauer a Gênesis 1.31.

Recebido em 29/07/2011, revisado em 26/08/2011, aceito para publicação em 07/11/2011.